

Mudar para Ficar

O Banco Central antecipou-se ao mercado, que esperava para março a fixação da nova banda cambial, e definiu os limites inferior e superior de flutuação do real em relação ao dólar para os próximos 12 meses. A quarta mudança da chamada banda larga do dólar confirma a manutenção da política de gradualismo cambial. O Banco Central procedeu de acordo com o conselho de Lampeduza no *Il Gattopardo*: mudou os parâmetros de flutuação do dólar para tudo permanecer igual. Enquanto o Brasil não tiver política fiscal sólida, com equilíbrio entre receita e despesas, precisará do câmbio amarrado e de elevadas taxas de juros..

Desde que os países do Sudeste asiático e da Oceania desvalorizaram fortemente suas moedas, há vários anos atreladas ao dólar num sistema de paridade fixa, passou-se a questionar os regimes cambiais das economias emergentes. Muita gente, no entanto, incorreu no erro de listar o Brasil entre os países que adotam o câmbio fixo.

Na América do Sul o sistema foi adotado pela Argentina no plano de conversibilidade pelo qual um peso vale um dólar e, para cada aumento ou perda de dólar nas reservas cambiais, deve ser ampliado ou reduzido o estoque de pesos em circulação. O Plano Real fugiu à rigidez, aplicando o sistema de minidesvalorizações.

Com as recentes desvalorizações superiores a 50% nas moedas da Coréia do Sul, da Indonésia, da Tailândia, da Malásia, das Filipinas e de Cingapura, economistas e exportadores brasileiros reivindicam mudança na relação entre o real e o dólar. O Chile, que desvalorizou o peso em 15%, é citado como exemplo de pragmatismo.

O argumento mais usado em defesa da maior desvalorização é a necessidade de compensar o barateamento dos produtos industriais coreanos, de Taiwan, de Cingapura e da China, além dos bens intermediários da Tailândia, Malásia e Filipina. Inundaram os mercados dos Estados Unidos e da Europa e podem desalojar os produtos brasileiros.

O Chile não serve de paralelo para o Brasil nem para a Argentina. O Chile tem 30% de suas exportações destinados à Ásia, contra apenas 5% do Brasil. Já a desvalorização das moedas asiáticas não se traduz integralmente em ganhos de competitividade nas exportações. A maioria deles (com exceção da Coréia do Sul) funciona como grandes zonas de processamento de exportação (ZPEs), que se multiplicam na China, beneficiando insumos importados e gerando valor agregado. O câmbio, portanto, inflaciona o custo de produção e reduz bastante o ganho final.

A cautela brasileira significa opção pelo caminho mais difícil, porém, mais seguro, para tornar a economia mais sólida e competitiva mediante o reforço da base fiscal e a redução dos custos de produção, de intermediação e de exportação, sobretudo nos portos.

Como reiterou ontem o presidente Fernando Henrique – ao assinar o primeiro contrato coletivo de trabalho temporário no país – é preciso apressar a aprovação das reformas do Estado no Congresso, para reduzir custos administrativos dos estados e municípios, e tornar a Previdência uma fonte permanente de poupança a longo prazo.